

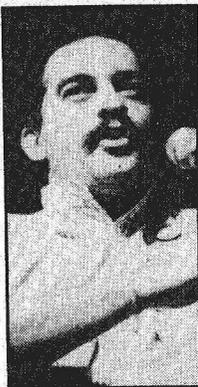
Uma janela para o inferno (lá deles)

ZÉ RODRIX

O horário eleitoral gratuito pela televisão foi, sem sombra de dúvida, inventado por um emérito conhecedor da alma política brasileira. E nós, que nos consideramos experts em comunicação e quejandos, não temos o direito de abrir mão dessa maravilhosa e exclusiva forma de educação e cultura, como temos feito todos os dias, preferindo assistir em VHS algum filme com um monte de americanos mortos, em vez de estudar as características absolutas de alguns brasileiros vivos. Muitos vivos.

A câmera de TV tem uma coisa da qual ninguém escapa: quando menos a gente espera ela lê a alma do sujeito que está na frente dela. E é nesses momentos inesperados que a gente consegue enxergar o "verdadeiro eu" lá deles.

Isso às vezes acontece ao vivo. Uma vez, há muitos anos, me convidaram para uma dessas reuniões em casa de bacana, essas que a Ruth Escobar vive organizando para apresentar algum candidato para classe artística. O cara que ela inventou, menino, vou te



contar: que conhecimento, que discurso, que "aplomb", que capacidade de me dizer exatamente aquilo que eu queria e precisava escutar.

Meu voto já era dele e eu fiquei encabrestado no meio de uma rodinha, bebendo embevecido o resto das pérolas que ele nos jogava. De repente um cabo eleitoral lá dele chegou perto e falou de um outro jantar que ia ter para conseguir votos do eleitorado jovem. O candidato disse que ia. O cabo eleitoral perguntava se ele ia levar a própria mulher. E o candidato fez aquela cara sacana de papagaio de anedota e disparou: "Imagina se eu vou levar sanduíche de mortadela para banquete..."

Esse era o verdadeiro, pego de surpresa, com o pé no ar. Meu voto ele nunca viu, apesar do "aplomb" ainda ser da melhor qualidade.

Pois na frente das câmeras qualquer um, por mais preparado que esteja, bobeou, fica com o pé no ar. E a gente, que observa com atenção, descobre mais um pilantrão, coitado, parecia até bom menino. Mas a verdade é que até os anos do Orçamento começaram pequenos.

Na frente das câmeras há coisas que já dão errado de princípio. Por exemplo: candidato que enche a boca para falar "povo", do mesmo jeito que o Flávio Cavalcanti enchia a dele para falar

"música popular brasileira", não paga 10: tá querendo se arrumar às custas dos inocentes. Você elege um cabra desses e ele acaba com a cabeleira cheia de Tintura Berenice dizendo que só tem o que tem porque Deus lhe ajudou.

E os que apelam para agressividade? Tem um que eu por enquanto só ouvi no rádio, mas que com certeza fica esmurrando uma mesa lá no estúdio e gritando que nem uma maritaca no cio: "Vote militar! Vote militar! Vote militar!" Ele acha que nós é bestia. Imagina, votar em militar pra quê? A gente vota neles e, na primeira oportunidade que surge, eles vão lá e nhêco! acabam com nosso voto.

O segredo é um só: o cara apelou, pode riscar o nomezinho dele da pule. E é qualquer apelação, tipo os que chegam na frente das câmeras e gritam: sou advogado, padeiro, espírita, chofer de ônibus, professor da USP, bancário, funcionário do Bandespa, funcionário do Baneser, heterossexual passivo, etc. Tentou te cobrar pela semelhança, ainda que remota, esquece. Gente séria é aquela que sabe que nós nunca estaremos juntos pelas nossas semelhanças, mas sempre a despeito de nossas diferenças.

Fora isso, é sempre de muito mau gosto falar mal do adversário, principalmente quando ele está por cima. Fica sempre aquele clima de penetra em baile do Sírio

Libanês, que fica na porta deduzindo os outros penetras para o porteiro, na esperança de conseguir entrar na moral. Não só não entra como também fica muito malvisto no sindicato dos penetras, e pode até chegar a ter a carteirinha cassada.

O que a gente queria mesmo era que o candidato fosse igual a gente. Melhor, que o candidato fosse a gente mesmo, não é? Mas não deu: a gente não acredita em política, acha isso uma coisa menor, coisa de gatinha, se acha bom demais para isso. Só que os bons que se recusam a participar, estão condenados a ser eternamente governados pelos maus. Talvez na próxima, quem sabe... Mas ninguém está livre de ser pego de surpresa por uma câmera de TV. De repente ela nos faciliza, nossa cabeça, entra em parafuso, e a gente grita, possesso: "Meu nome é Ataliba!... ou coisa que o valha.

Assistam aos programas. Sai mais barato que essa fortuna que vocês têm gasto nos videoclubes. E vocês se divertem, se educam, e podem até começar a achar que a coisa tem jeito. Desde, é claro, que eles se comportem decentemente. Porque tem uns que só faltam ficar nus, para chamar nossa atenção. Ainda não sei de nenhum caso, mas esperem com paciência. Um dia eles chegam lá.

■ O autor é compositor e produtor de jingles